

Da caixa entomológica ao voo da borboleta: reflexões sobre a dimensão processual do signo e das classes de signos em análises semióticas a partir do texto.

From the entomological box to the flight of the butterfly: reflections on the procedural dimension of the sign and classes of signs in semiotic analyses based on text

JULIANA ROCHA FRANCO - ORCID 0000-0001-7021-3341

PRISCILA BORGES - ORCID 0000-0002-4573-5807

(pág 117 - pag 129)

RESUMO. Este trabalho se propõe a uma análise das classes de signos de Charles Sanders Peirce em sua dimensão processual e contrapõe-se às perspectivas que as concebem como categorias estáticas. Defende-se que os signos devem ser compreendidos e interpretados dentro de um contínuo semiótico, onde as classes de signos operam como instrumentos para mapear os trajetos pelos quais os signos realizam seus propósitos. Para explorar essa abordagem processual, além da revisão da literatura peirceana, este estudo focaliza o artigo *On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation* (1885), no qual Peirce introduz a tricotomia ícone-índice-símbolo. Argumenta-se que o método semiótico empregado por Peirce na análise da notação algébrica evidencia uma proto-sistematização das classes de signos em sua dimensão dinâmica. Essa reinterpretação proporciona uma compreensão mais aprofundada do funcionamento do signo e das classes de signos e seus desdobramentos teóricos.

Palavras-chave: Charles S. Peirce; semiótica; classes de signos; álgebra da lógica; filosofia do processo.

RESUMEN. Este trabajo se propone a analizar las clases de signos de Charles Sanders Peirce en su dimensión procesual y se contrapone a las perspectivas que las conciben como categorías estáticas. Defiende que los signos deben ser comprendidos e interpretados dentro de un contínuo semiótico, donde las clases de signos operan como instrumentos para trazar los caminos a través de los cuales los signos cumplen sus propósitos. Para explorar este enfoque procesual, además de una revisión de la literatura peirceana, este estudio se centra en el artículo *On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation* (1885), donde Peirce introduce la tricotomía icono-índice-símbolo. Se argumenta que el método semiótico empleado por Peirce en el análisis de la notación algebraica

evidencia una proto-sistematización de las clases de signos en su dimensión dinámica. Esta interpretación proporciona una comprensión más profunda del funcionamiento de los signos y de las clases de signos, junto con sus implicaciones teóricas.

Palabras clave: Charles S. Peirce; semiótica; clases de signos; álgebra de la lógica; filosofía del proceso.

ABSTRACT. This work aims to analyze Charles Sanders Peirce's classes of signs in their procedural dimension and contrasts them with perspectives that conceive them as static categories. It argues that signs should be understood and interpreted within a semiotic continuum, where classes of signs operate as instruments to map the paths through which signs accomplish their purposes. To explore this processual approach, in addition to a review of Peirce's literature, this study focuses on the article *On the Algebra of Logic*, a contribution to the philosophy of notation (1885), in which Peirce introduces the trichotomy of icon-index-symbol. It is argued that the semiotic method employed by Peirce in the analysis of algebraic notation reveals a proto-systematization of the classes of signs in their dynamic dimension. This reinterpretation provides a deeper understanding of the functioning of signs and the classes of signs, along with their theoretical implications.

Keywords: Charles S. Peirce; semiotics; classes of signs; algebra of logic; process philosophy.

JULIANA ROCHA FRANCO é professora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e do programa de pós-graduação em Design da UEMG (PPGD-UEMG). Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: julianarochafranco@gmail.com

PRISCILA MONTEIRO BORGES é professora adjunta no Departamento de Audiovisuais e Publicidade da Faculdade de Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Metafísica na Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: primborges@gmail.com

FECHA DE RECEPCIÓN: 05/02/2025 **FECHA DE APROBACIÓN:** 16/02/2025

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca discutir as classes de signos de Peirce em sua dimensão processual. Nota-se em muitas abordagens aplicadas das classes de signos uma perspectiva metodológica que acaba por fixar os signos em classes, muito embora haja o reconhecimento do caráter processual próprio do signo, chamado de semiose. Nesses casos, os signos coletados no mundo seriam fixados tal como uma borboleta em uma caixa entomológica a partir de critérios taxonômicos derivados das classes de signos. Críticas ao emprego da semiótica e das classes de signos como metodologia em análises semióticas são recorrentes (Spinks 1991; Short 2007; Colapietro 2011; Liszka 2019), mas elas parecem ser na maioria das vezes motivadas justamente pelo uso taxonômico das classes de signos, o que não deveria nos levar a abandonar as possibilidades de entendermos o funcionamento das classes de signos de Peirce (como defendem Houser 1992, Queiroz 2012, Jappy 2017, Borges 2021a, 2021b).

Nosso argumento é o de que o signo só pode ser concebido e interpretado dentro do contínuo semiótico, no qual as classes de signo, mais do que oferecer uma tipologia classificatória enrijecida e fixa, possibilitam traçar caminhos possíveis para que os signos alcancem seus fins. Indícios de como lidar com as classes de modo processual podem ser encontrados em alguns trechos da obra de Peirce, muito embora ele próprio não tenha apresentado uma análise semiótica utilizando suas 10 classes de signos. Nesse texto, voltaremos nossa atenção para um desses trechos, encontrado na primeira parte do artigo publicado por Peirce no *American Journal of Mathematics* na primavera de 1885 intitulado *On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation*.

Este texto é reconhecido por sua contribuição substancial à lógica moderna, à filosofia da lógica e à teoria da notação (EP1: 225). Nele, Peirce exemplifica os princípios que sustentam toda a notação algébrica. De acordo com Nathan Houser (1987: 427), a habilidade perspicaz de Peirce ao utilizar os signos indexicais como quantificadores trouxe grande destaque ao trabalho na história da lógica, bem como pelo emprego dos valores de verdade por Peirce e seu quinto ícone algébrico, conhecido atualmente como Lei de Peirce. Tal avanço já reconhecido no campo da notação algébrica decorre de um método semiótico proposto por Peirce na primeira parte do texto em que ele apresenta pela primeira vez o ícone, o índice e o símbolo como uma tricotomia e em seguida aplica tais classes de signos à lógica algébrica. Portanto, é a partir de um método semiótico que Peirce propõe desenvolver nesse texto “uma álgebra adequada para o tratamento de todos os problemas da lógica dedutiva, mostrando, à medida que prossigo, que tipos de signos devem ser necessariamente empregados em cada estágio do desenvolvimento.” (W5: 165, EP1: 228, 1885)

Nossa hipótese, portanto, é a de que as reflexões sobre a notação de Peirce já são intrinsecamente ligadas à semiótica e podem oferecer uma perspectiva sobre o funcionamento do conceito de signo e das classes de signos. Especialmente na seção inicial do texto, Peirce apresenta algumas ideias que podem ser lidas como uma proto-sistematização (Borges 2021b) que nos ajuda a compreender melhor as classes de signo e o próprio conceito de signo de modo processual.

Começaremos apresentando características das chamadas, em sentido amplo, filosofias do processo e de como a filosofia de Peirce pode ser vista como uma filosofia do processo. Em seguida, como pensar as classes de signo a partir desta perspectiva.

2. APONTAMENTOS PARA SE PENSAR AS FILOSOFIAS DO PROCESSO

Whitehead (2010), com o livro *Processo e realidade*, promoveu um repensar sistemático das questões filosóficas em termos de eventos e processos e possibilitou um exame minucioso da estrutura do processo num contexto de primado da substância na filosofia ocidental. Devido à sua análise, nos últimos anos, a “filosofia do processo” tornou-se uma forma de se referir ao trabalho de Whitehead. Entretanto, mais do que apenas se referir à obra de Whitehead, o que estamos denominando filosofia do processo é fundamentalmente uma posição metafísica (Browning & Myers 1998: xii).

Em sentido amplo, o termo “filosofias do processo” refere-se a todas as visões de mundo na qual o universo é compreendido não como substância e causalidade, mas como processo e criatividade. Segundo Rescher, (2000: 5-6) as filosofias do processo estão comprometidas ou pelo menos inclinadas a possuir as seguintes proposições básicas:

1. Tempo e mudança estão entre as principais categorias de compreensão metafísica.
2. Processo é a principal categoria de descrição ontológica.
3. Os processos são mais fundamentais, ou pelo menos não menos fundamentais, do que as coisas para os fins da teoria ontológica.
4. Entende-se que vários dos principais elementos do repertório ontológico (Deus, a natureza como um todo, pessoas, substâncias materiais) são melhor compreendidos em termos de processo.
5. Contingência, emergência, novidade e criatividade estão entre as categorias fundamentais da compreensão metafísica.

É uma perspectiva com raízes que vão, no Ocidente, tão longe quanto o pensamento de Heráclito, quanto o budismo e taoísmo no Oriente. A filosofia do processo constitui uma tradição neoclássica que existe ao lado da abordagem clássica substancialista desde o início tanto da filosofia ocidental, quanto da oriental (Hartshorne, 2020).

3. A FILOSOFIA DE PEIRCE COMO UMA FILOSOFIA DO PROCESSO

Debrok (2003: 4) afirma que o pragmatismo é implicitamente uma filosofia de processo, embora o conceito de “processo” e a sua relação com os acontecimentos não tenham sido sistematicamente explorados pelos pragmatistas. Uma ideia central da filosofia do processo é a do dinamismo que prioriza os processos - uma visão ontológica que concebe a realidade a partir de processos governados por leis de operação que não são necessariamente estáveis, mas que são potencialmente mutáveis e em evolução. Tal forma de pensar se adequa profundamente ao pensamento peirceano. Para Peirce, o universo está em um estado de constante mudança e desenvolvimento em um contínuo de possibilidades infinitas. Esses processos são descritos em uma rede processual, a semiose, e são orientados para uma lei como um princípio orientador. Essa abordagem de Peirce pode ser vista tanto no contexto da criação de significado humano quanto na observação das regularidades na natureza. Peirce buscou compreender a maneira como os seres humanos e os fenômenos naturais agem de acordo com um propósito ou finalidade, e que isso pode ser associado ao conceito de hábito ou tendência à aquisição de hábitos.

O desconhecimento da dimensão processual do pensamento peirceano dificulta por exemplo, a aplicação proveitosa da semiótica de Peirce a processos concretos de linguagens na medida em que fixa os conceitos, possibilitando que se faça tão somente uma taxonomia dos signos, congelados no processo analítico. Assim como Nadin (1980: 359), Santaella (2004), ressalta o aspecto processual de uma abordagem semiótica, ao afirmar que dar um nome a um signo, identificá-lo, não resolve o problema do modo como ele age. Segundo ele, o signo só pode ser concebido e interpretado dentro do espectro da lógica da incerteza e com a participação da doutrina do contínuo.

4. QUESTÕES PROCESSUAIS NA RELAÇÃO TRIÁDICA GENUÍNA E NA REPRESENTAÇÃO DO CONCEITO DE SIGNO

A importância do processo de ação do signo, pode ser percebida na própria noção de signo de Peirce. Como Fisch (1986: 329-330) argumentou, no contexto da semiótica de Peirce, o signo não é um tipo de coisa que deve ser distinguido de outras. Consequentemente, não importa para a semiótica de Peirce discutir o que é ou não signo, nem o conceito de signo contribui para essa distinção. O que o conceito de signo de Peirce mostra é precisamente a ação do signo, uma ação que ocorre numa relação triádica.

O signo é definido por Peirce como sendo algo que age de um determinado modo numa relação triádica. Numa definição de signo apresentada no texto *Some Consequences of Four Incapacities*, Peirce (W2: 223, 1868) destaca exatamente as preposições que dão ideia de movimento para indicar como o signo se relaciona com seus correlatos: “um signo tem, como tal, três referências: 1º, é um signo *para* algum pensamento que o interpreta; 2º, é um signo *para* algum objeto ao qual, nesse pensamento, ele é equivalente; 3º, é um signo, *em* algum aspecto ou qualidade, que o coloca em conexão com seu objeto.” (W2: 223, 1868)

Sobre o signo, ele também afirma que “uma coisa que está no lugar de outra coisa é uma representação ou signo.” (W3: 76; CP 7.355-6, 1873) e que “[u]m signo é uma relação conjunta com a coisa denotada e com a mente.” (W5: 162, 1885) Como podemos perceber, as definições de signo de Peirce baseiam-se em como o signo performa, age e não no que o signo é. Numa das definições de signos mais conhecidas, Peirce descreve a ação do signo e nos indica que tal ação pressupõe um encadeamento de signos infinitos, pois o interpretante criado na mente de alguém pelo signo é um novo signo no processo semiótico (CP 2.228, c. 1897).

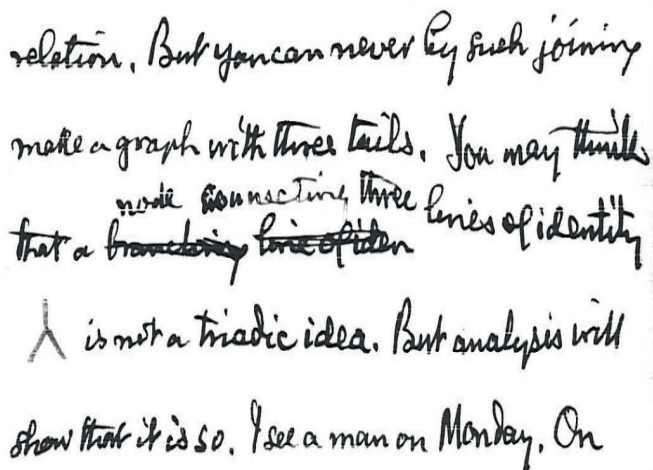
Na literatura acadêmica contemporânea, é frequente observar a adoção da representação triádica do conceito de signo esquematizada por meio de um triângulo. Tais representações remontam ao triângulo proposto por Ogden-Richards em 1923, supostamente inspirado nas ideias de Charles Sanders Peirce (Merrel 1997: 14; Nadin 1986; Ogden-Richards, 1923, 11). Uma crítica relevante a essa representação é apresentada por Merrel (1997), que afirma que embora conecte os elementos “R — O” e “R — I” e “e O — I”, a estrutura triangular falha em capturar a inter-relação entre os termos da tríade, e por isso, a representação triádica acaba por reduzir-se a um conjunto de três díades: “R — O”, “R — I” e “O — I”.

A relação entre três elementos é genuína justamente porque não pode ser reduzida a uma combinação de relações entre apenas dois elementos. Para Peirce (LoF 2/2: 245),

toda relação triádica genuína envolve significado, já que o significado é obviamente uma relação triádica. Em 1903, Peirce ressalta que uma relação triádica é inexprimível apenas por meio de relações diádicas:

Ela depende de duas premissas principais. A primeira é que toda relação triádica genuína envolve significado, pois o significado é obviamente uma relação triádica. A segunda é que uma relação triádica é inexprimível apenas por meio de relações diádicas. (Peirce, MS 464-465 (1903) - Lowell Lecture III - 3rd Draught)

Peirce, nesse mesmo manuscrito citado acima, propôs um nó que conecta três linhas de identidade a partir do qual as relações triádicas são definidas dentro de um espaço de ligação tridimensional, como um tripé (*tripod*):



relation, But you can never by such joining
make a graph with three tails. You may think
that a ~~branching~~ ^{node connecting three} line of identity lines of identity
is not a triadic idea. But analysis will
show that it is so. I see a man on Monday. On

Figura 1. Peirce, MS 464-465 (1903) - Lowell Lecture III - 3rd Draught

Já em 1885, no texto *On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation* Peirce (W5: 162, EP1: 223, 1885) explica que um signo está em uma relação conjunta com a coisa denotada e com a mente. Essa relação é tripla e significa que o signo só se conecta ao seu objeto por meio de uma associação mental, dependente de um hábito. Tais signos, por serem baseados em regras gerais de comportamento (hábitos), são sempre abstratos e genéricos. Frequentemente, são convencionais ou arbitrários, incluindo a maioria das palavras, o corpo principal do discurso e qualquer forma de transmitir um julgamento. Esse modo de relação triádica que envolve hábito e depende de signos gerais são relações triádicas genuínas, mas as relações triádicas também podem ser degeneradas, como mostraremos adiante.

Dessa forma, o signo, em generalidade, poderia, seguindo as instruções do manuscrito MS 464-465 (1903) - Lowell Lecture III - 3rd Draught e relacionando-o com as explicações contidas no texto *On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation* (W5: 163, EP1: 225-6, 1885), ser apresentado conforme figura 2:

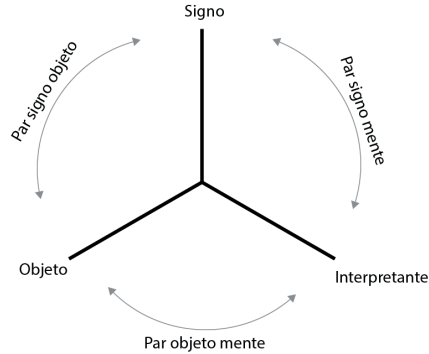


Figura 2. Apresentação do signo genuíno, ou signo em generalidade, a partir de MS 464-465 (1903) - Lowell Lecture III - 3rd Draught e On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation (W5: 163, EP1: 225-6, 1885).

Peirce (W5: 162-63, EP1: 226, 1885) também explica que se a tripla relação entre o signo, seu objeto e a mente, for degenerada, podem existir então relações duais que constituem a relação tripla. Essa noção de degeneração do signo é trazida por Peirce da geometria, para a qual degeneração se refere a um caso particular em que uma figura geométrica perde algumas de suas propriedades características, tornando-se um caso especial ou atípico. No caso do signo a degeneração acontece se a tripla relação entre o signo, seu objeto e a mente for degenerada, ou seja, não for geral. Nesse caso, dos três pares que constituem a relação tripla, pelo menos dois estão em relações duais. Delineia-se já aqui a segunda tricotomia, que trata das relações entre signo e objeto, sem no entanto, usar esse nome ainda. Delineia-se também a noção de classe.

Conforme afirma Peirce (W5: 163, EP1: 226, 1885), ao supor uma relação do signo com o seu objeto que não reside numa associação mental, deve haver uma relação dupla direta do signo com o seu objeto, independente da mente que usa o signo. Peirce define o índice como um tipo de signo que tem uma relação direta e não degenerada com seu objeto. Sugerimos que representação da degeneração poderia acontecer com uma linha tracejada de forma que a representação do signo acima seja conforme figura 3:

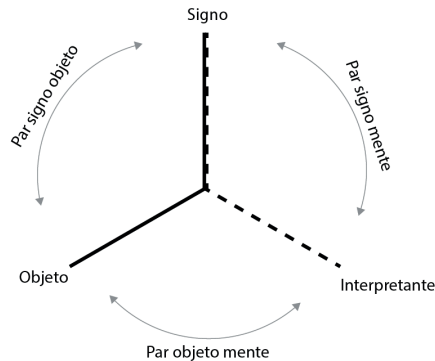


Figura 3. Apresentação do signo degenerado em sua relação com o interpretante, ou signo indicial, a partir de MS 464-465 (1903) - Lowell Lecture III - 3rd Draught e On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation (W5: 163, EP1: 226, 1885).

Peirce também explica o terceiro caso, aquele em que a dupla relação entre o signo e o seu objeto é degenerada e consiste numa mera semelhança entre eles. Peirce denomina ícone esse signo que representa o objeto apenas porque se assemelha a ele. Os ícones são tão completamente substituídos por seus objetos que dificilmente podem ser distinguidos deles. Dessa forma, a representação da degeneração nesse caso poderia acontecer conforme figura 4:

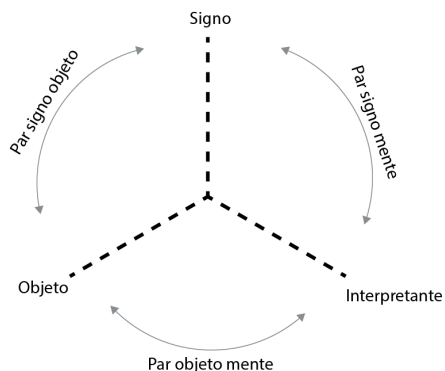


Figura 4. Apresentação do signo degenerado em sua relação com o objeto, ou signo icônico, a partir de MS 464-465 (1903) - Lowell Lecture III - 3rd Draught e On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation (WS: 163, EP1: 226, 1885).

A representação em forma de triângulo, ao reduzir o signo às conexões diádicas, acaba por limitar a compreensão sobre as classes de signo e dificultar uma forma processual de se pensar o signo. Na forma proposta por Peirce, a visualização do signo como processo, fica facilitada por possibilitar visualizar melhor a recursividade essencial no funcionamento de um signo e essa recursividade está no modo como este terceiro elemento funciona. Para que haja representação entre o signo e o objeto, o interpretante precisa necessariamente funcionar como um novo signo. Amaral (2014) explica que é justamente esta recursividade que cria a noção de fluxo sígnico, cadeia de interpretantes e destaca as consequências da recursividade para compreender o pensamento de Peirce: “Sem esta recursividade, simplesmente não seria possível derivar as duas teses elementares da semiótica: ‘não há primeiro signo num processo interpretativo’ (Tese_1 da semiótica) e ‘não há último signo num processo interpretativo’ (Tese_2 da semiótica).” (Amaral 2014: 7).

A caracterização recursiva de representação é importante para se pensar na definição de signo. Se, quando um signo é compreendido não há apenas um signo em funcionamento, mas uma série infinita de signos, quando nos propomos a analisar signos, não deveríamos analisá-los isoladamente. Ao contrário, deveríamos buscar uma série de signos para observar a ação dos signos a partir da sua relação com signos anteriores e posteriores e, assim, conseguir definir os modos de ação do signo.²

5. UMA PERSPECTIVA PROCESSUAL DAS CLASSES DE SIGNOS NO TEXTO *ON THE ALGEBRA OF LOGIC, A CONTRIBUTION TO THE PHILOSOPHY OF NOTATION*

Em uma perspectiva processual, as classes de signos deveriam ser compreendidas como sistemas que explicitam a mistura de aspectos em um mesmo fenômeno tomado como signo, a partir da ênfase nos processos relacionais lógicos entre classes que nos levam a perceber a continuidade entre as classes e, consequentemente, a semiose. Se os signos são formados pelo intrincamento de aspectos, que vão da semelhança à codificação passando pela indicialidade, então, todos esses aspectos devem desempenhar uma função no processo de significação e devem estar presentes de um modo particular nos signos analisados.

Os sistemas de classes nos mostram a lógica de relação entre as classes e, consequentemente, os modos como os processos de significação podem ocorrer. Peirce realizou avanços significativos na tarefa de classificar signos, identificando uma ampla gama de características que poderiam ser consideradas na construção de um sistema de classificação. Podemos ter como exemplo de um sistema de classificação, o modelo da biologia, no qual os seres vivos podem ser classificados por uma variedade de critérios, incluindo o seu modo de reprodução, presença ou ausência de coluna vertebral e medula óssea, modo de respiração, tipo de cobertura corporal, etc.

No caso da semiótica, Peirce propôs vários critérios, ou aspectos, a serem levados em consideração na classificação de signos. Diferentemente da biologia, onde a classificação dos seres vivos é derivada da observação direta de suas características, a classificação dos signos proposta por Peirce emerge da observação dos fenômenos do mundo, mas logo adquire uma lógica subjacente, a lógica das categorias que estrutura parte do sistema de classificação. Em outras palavras, as classes de signos delineadas por Peirce não se originam de uma observação específica de signos individuais, mas sim de uma teoria geral dos signos. Isso implica que existe uma relação intrínseca entre os aspectos considerados, impondo restrições lógicas na formação das classes.

O primeiro aspecto vislumbrado por Peirce para uma classificação dos signos é aquele que diz respeito ao modo da relação entre signo e objeto, que gera a famosa tricotomia do ícone, índice e símbolo. Embora ele apresente modos distintos de relação, Peirce (CP 4.448, ca.1903) argumenta que os signos mais perfeitos incorporam uma mistura equilibrada de características icônicas, indiciais e simbólicas. O que é um indício de que não deveríamos buscar classificar signos, como classificam-se borboletas, pois isso nos levaria a destacar um modo de relação com o objeto em detrimento dos outros, criando a impressão de que apenas um deles está presente no signo e deixando de ver a mistura mais ou menos equilibrada dos modos de relação nos signos.

Peirce, em seus textos, apresenta várias vezes as classes de signos mostrando casos exemplares de cada classe. É isso que acontece, por exemplo, no texto *Nomenclature and Divisions of triadic relations* (EP 2: 289- 299, 1903) ao apresentar as 10 classes de signos. Em nenhum texto ele propõe diretamente um método de análise semiótica, mas em certos trechos ele analisa signos articulando mais de uma classe de signos. É o que acontece no texto *On the Algebra of Logic, a contribution to the philosophy of notation*, (W5: 162-90; EP1: 225-8, 1885). Embora Peirce se refira a tipos de signos, ao dar um exemplo de signo icônico, nesse texto, Peirce sugere que o diagrama da geometria, por exemplo, tem um aspecto simbólico e um aspecto icônico. Esse é um indício de que as classes de signos

não funcionam como uma tipologia que classifica os signos como sendo de um tipo ou outro. O modo como ele apresenta os signos icônicos, leva a pensar que os signos, que têm aspectos simbólicos, como os diagramas da geometria, possuem também aspectos icônicos que podem ficar proeminentes em determinados momentos.

Consequentemente, as classes de signos precisariam funcionar como aspectos a serem observados no processo de ação do signo. E ao invés de classificar signos, tratando os sistemas de classes como um gaveteiro em que cada gaveta corresponde a uma classe e cada signo deve ser alocado em uma gaveta, sugerimos, seguindo esses indícios que encontramos nos textos de Peirce, que as classes sejam trabalhadas como os aspectos sýnicos que se combinam em semioses possíveis. O que enfatiza a complexidade dos processos semióticos que nunca se dão a partir de um signo estático, mas de sua relação com outros signos e de seu movimento que envolve a sua própria transformação em novos signos. Os sistemas de classes de signos seriam, então, mapas de semioses possíveis capazes de guiar análises de processos semióticos. Signos que estão em funcionamento estão sempre em relação com outros formando sistemas de signos, como é o caso de qualquer sistema de linguagem. Isso fica claro quando Peirce ainda no texto *On the algebra of logic* dá um exemplo de notação lógica em que ele articula os três tipos de signos em um só exemplo, mostrando que “em um sistema perfeito de notação lógica signos de diferentes tipos devem ser empregados”: “Eu me esforcei para deixar clara a minha distinção entre ícones, índices e tokens [símbolos], a fim de enunciar esta proposição: em um sistema perfeito de notação lógica, todos os signos desses vários tipos devem ser empregados.” (W5: 163; EP1: 226-7)

Embora o exemplo se refira apenas aos sistemas de notação lógica, não é exclusividade desses sistemas o emprego de signos de diferentes tipos. Na maior parte das vezes estamos frente a complexos sistemas de signos e não a um signo isolado de um tipo ou outro. O que percebemos é que não só os sistemas perfeitos empregam signos de vários tipos, mas sistemas de signos em geral empregam signos de variados tipos. Nesse exemplo dos sistemas de notação lógica, Peirce mostra como as três classes de signos apresentadas até então se articulam, e ele parece importante para pensarmos não só esse sistema de três classes, mas também para pensarmos a articulação entre as classes de cada um dos outros sistemas de signos propostos posteriormente.

Sobre esse exemplo, Peirce afirma que o sistema de notação lógica é necessariamente geral, então, simbólico, pois ele deve ser usado para expressar uma grande variedade de fórmulas. Sem símbolos (ou tokens), “não haveria generalidade alguma nas declarações, pois são eles os únicos signos gerais e a generalidade é essencial ao pensamento.” (W5: 163, EP1: 227, 1885) Como os símbolos são signos gerais, sozinhos eles não dizem qual é o assunto do discurso nem poderiam descrevê-lo em termos gerais, pois o assunto do discurso, ou seja, o objeto do signo, só poderia ser indicado. Segundo Peirce, tampouco descrições gerais, que se aproximariam de signos icônicos, seriam capazes de mostrar o objeto, pois não é possível distinguir o mundo atual do mundo da imaginação por meio de qualquer descrição (W5: 163, EP1: 227, 1885). A descrição de uma característica, que pode ser de qualquer objeto, não se confunde com a função de mostrar o objeto. Isto é, para mostrar o objeto é preciso um signo que o indique, que aponte, portanto, signos indiciais são necessários. Este tipo de signo também é necessário para mostrar como os signos se conectam. No entanto, apenas símbolos e índices não são suficientes para o pensamento. Peirce diz, com símbolos e índices “qualquer proposição pode ser expressa, mas não é

possível raciocinar sobre ela, pois o raciocínio consiste na observação de que onde certas relações subsistem, certas outras podem ser encontradas e, portanto, requer a exibição das relações fundamentadas em um ícone.” (W5: 163, EP1: 227, 1885)

Mas como o ícone se torna fundamental ao pensamento que é geral? Peirce explica o papel do ícone no pensamento geral mostrando que cada processo dedutivo envolve um elemento de observação, “a saber, a dedução consiste em construir um ícone ou diagrama cujas relações das partes apresentem uma analogia completa com as das partes do objeto de raciocínio, de fazer experiências sobre esta imagem na imaginação e de observar o resultado de modo a descobrir relações despercebidas e escondidas entre as partes.” (W5: 164; EP1: 227, 1885)

Como a analogia entre as partes não pode existir sem que as partes sejam indicadas, o que é papel do índice, a relação entre os três tipos de signos no pensamento fica evidente. Embora Peirce dê exemplos diferentes para explicar os conceitos de ícone, índice e símbolo em outros textos, a discussão que segue neste texto mostra como as classes de signos estão sendo pensadas de modo interrelacionado para explicar o método de pensamento. No fim do texto, Peirce afirma que ele espera ter resolvido um dos maiores problemas da lógica, “o de produzir um método para a descobertas dos métodos na matemática.” (W5: 166, EP1: 228, 1885) A discussão apresentada neste texto de Peirce mostra como as classes de signos estão sendo pensadas de modo interrelacionado para explicar o método de pensamento desde muito cedo.

Esse método apresentado por Peirce a partir da articulação de três classes de signos se complexifica quando Peirce apresenta as 10 classes e até 66 classes. Tais sistemas representam padrões lógicos das possíveis ações do signo. Nesses sistemas, as classes de signos indicam estágios gradativos de um processo semiótico que busca a verdade. Deste modo, as classes de um sistema estão conectadas e relacionadas e tomadas como um sistema mostram o movimento de um processo sîgnico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sistemas de classes de signos fornecem abordagens metodológicas que orientam a pesquisa, elas desempenham o papel de direcionadores, indicando caminhos lógicos específicos para analisar os signos. Priorizar um único aspecto da relação triádica prejudica a compreensão da complexidade envolvida nos processos semióticos. Uma análise limitada a um único aspecto do signo se assemelha a um exercício classificatório baseado na ideia de essência, incapaz de captar o processo de ação do signo, isto é a semiose.

A semiótica peirceana transcende a mera catalogação de classes de signos: as classes de signos descrevem um processo de significação, ou representação que leva em conta o signo, sua referência ao objeto e o seu potencial interpretativo. Esse processo pode ser descrito de modos diferentes dependendo da função desempenhada pelo signo em um determinado contexto e da perspectiva sob a qual ele é analisado. Os sistemas de classes nos mostram a lógica de relação entre as classes e, conseqüentemente, os modos como os processos de significação podem ocorrer. Tais sistemas nos auxiliam em análises, pois a lógica entre as classes nos leva a perceber aspectos sîgnicos que poderiam não estar evidentes.

Nesse sentido, o que estamos chamando de “caixa entomológica”, na qual a borboleta é mantida imóvel, metaforicamente, pode ser vista como uma abordagem semiótica, que funcionaria como uma mera catalogação de classes de signos, um exercício

classificatório baseado na ideia de essência, incapaz de captar o processo de ação do signo, isto é a semiose. Tal abordagem confinaria os processos de produção de sentido a uma abordagem rígida e não processual da semiose.

Por outro lado, a compreensão da dimensão processual do pensamento de Peirce, o voo da borboleta, representa a ideia de movimento, processo e dinamismo, transcendendo a mera catalogação de signos e assim, contribuindo para uma visão da complexidade do processo de significação. Essa abordagem requer uma análise detalhada dos múltiplos aspectos do signo e de suas implicações no fluxo da semiose. Para isso, é preciso atentar-se não só para cada classe de signo, mas para a relação que as classes estabelecem entre si.

NOTAS

¹Transcrição do manuscrito: You may think that a node connecting three lines of identity Y is not a triadic idea. But analysis will show that it is so. [Você pode pensar que um nó que conecta três linhas de identidade Y não é uma ideia triádica. Mas a análise mostrará que isso é verdade.]

²Sobre como a ideia de continuidade permeia não apenas a noção de signo, mas o sistema de classes de signos de Peirce, ver: Borges, 2021a.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, G. R. (2014). *Os conceitos de representação e recursividade na obra do jovem Peirce* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- BORGES, P. (2021a). Classifying signs. In J. Pelkey (Ed.), *Bloombsbury semiotics: Volume 1, History and semiosis* (pp. xx–xx). Bloombsbury.
- (2021b). Os sistemas de classes de signos de Peirce: Mapas de semioses possíveis. In L. Santaella & P. Borges (Orgs.), *A relevância de C. S. Peirce na atualidade: Implicações semióticas* (pp. xx–xx). Estação das Letras e Cores.
- BROWNING, D., & MYERS, W. T. (2020). *Philosophers of process*. Fordham University Press.
- COLAPIETRO, V. (2011). Ubiquitous mediation and critical interventions: Reflections on the function of signs and the purposes of Peirce's semeiotic. *International Journal of Signs and Semiotic Systems*, 1(2), 1–27.
- DEDROCK, G. (2003). Introduction: Process pragmatism. In G. Dedrock (Ed.), *Process pragmatism: Essays on a quiet philosophical revolution* (pp. xx–xx). Rodopi.
- FISCH, M. H. (1986). Peirce's general theory of signs. In K. L. Ketner & C. J. W. Kloesel (Eds.), *Peirce, semeiotic, and pragmatism: Essays* (pp. xx–xx). Indiana University Press.
- HARTSHORNE, C. (2020). The development of process philosophy. In D. Browning & W. T. Myers (Eds.), *Philosophers of process* (pp. xx–xx). Fordham University Press.
- HOUSER, N. (1987). Peirce's early work on the algebra of logic: Remarks on Zeman's account. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 23(3), 425–440.
- (1992). Introduction. In N. Houser & C. Kloesel (Eds.), *The essential Peirce* (Vol. 2, pp. xix–xli). Indiana University Press.
- JAPPY, T. (2017). *Peirce's twenty-eight classes of signs and the philosophy of representation*. Bloombsbury.
- LISZKA, J. (2019). Reductionism in Peirce's sign classifications and its remedy. *Semiotica*, 228, 153–172.
- MERRELL, F. (1997). *Peirce, signs, and meaning*. University of Toronto Press.

- NADIN, M. (1980). The logic of vagueness and the category of synchism. *The Monist*, 63(3), 351–363.
- (1986). Pragmatics in the semiotic framework. In H. Stachowiak (Ed.), *Pragmatik, Vol. II: The rise of pragmatic thought in the 19th and 20th centuries* (pp. xx–xx). Felix Meiner Verlag.
- OGDEN, C. K., & RICHARDS, I. A. (1923). *The meaning of meaning*. Harcourt Brace Jovanovich.
- PEIRCE, C. S. (1885). On the algebra of logic: A contribution to the philosophy of notation. *American Journal of Mathematics*, 7, 180–202. [Publicado em: W5: 162–190 e EP1: 225–228]
- (1931–1966). *The collected papers of Charles S. Peirce* (Vols. 1–6, C. Hartshorne & P. Weiss, Eds.; Vols. 7–8, A. W. Burks, Ed.). Harvard University Press. [Citado como CP]
- (1984). *Writings of Charles S. Peirce: A chronological edition* (Vol. 2, 1867–1871, C. J. W. Kloesel, Ed.). Indiana University Press. [Citado como W2]
- (1986). *Writings of Charles S. Peirce: A chronological edition* (Vol. 3, 1872–1878, C. J. W. Kloesel, Ed.). Indiana University Press. [Citado como W3]
- (1992–1998). *The essential Peirce: Selected philosophical writings* (Vols. 1–2, N. Houser & C. J. W. Kloesel, Eds.). Indiana University Press. [Citado como EP]
- (1993). *Writings of Charles S. Peirce: A chronological edition* (Vol. 5, 1884–1886, C. J. W. Kloesel, Ed.). Indiana University Press. [Citado como W5]
- (1903). MS 464–465 - Lowell Lecture III - 3rd Draught. In C. S. Peirce (1967). *Annotated catalogue of the papers of Charles S. Peirce, manuscripts in the Houghton Library of Harvard University*, as identified by R. Robin. University of Massachusetts Press. [Citado como MS ou L]
- *Charles S. Peirce: Logic of the future* (Vol. 2). In A.-V. Pietarinen (Ed.), *Writings on Existential Graphs, Part 2: The 1903 Lowell Lectures*. Mouton De Gruyter. [Citado como LoF 2/2]
- QUEIROZ, J. (2012). Peirce's ten classes of signs: Modeling biosemiotic processes and systems. In T. Maran, K. Lindström, R. Magnus, & M. Tønnessen (Eds.), *Semiotics in the wild: Essays in honor of Kalevi Kull on the occasion of his sixtieth birthday* (pp. 55–62). Tartu University Press.
- RESCHER, N. (2000). *Process philosophy: A survey of basic issues*. University of Pittsburgh Press.
- SANTAELLA, L. (2004). *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. Editora UNESP.
- SHORT, T. L. (2007). *Peirce's theory of signs*. Cambridge University Press.
- SPINKS, C. W. (1991). *Peirce and triadomania: A walk in the semiotic wilderness*. Mouton.
- WHITEHEAD, A. N. (2010). *Process and reality*. Simon and Schuster.